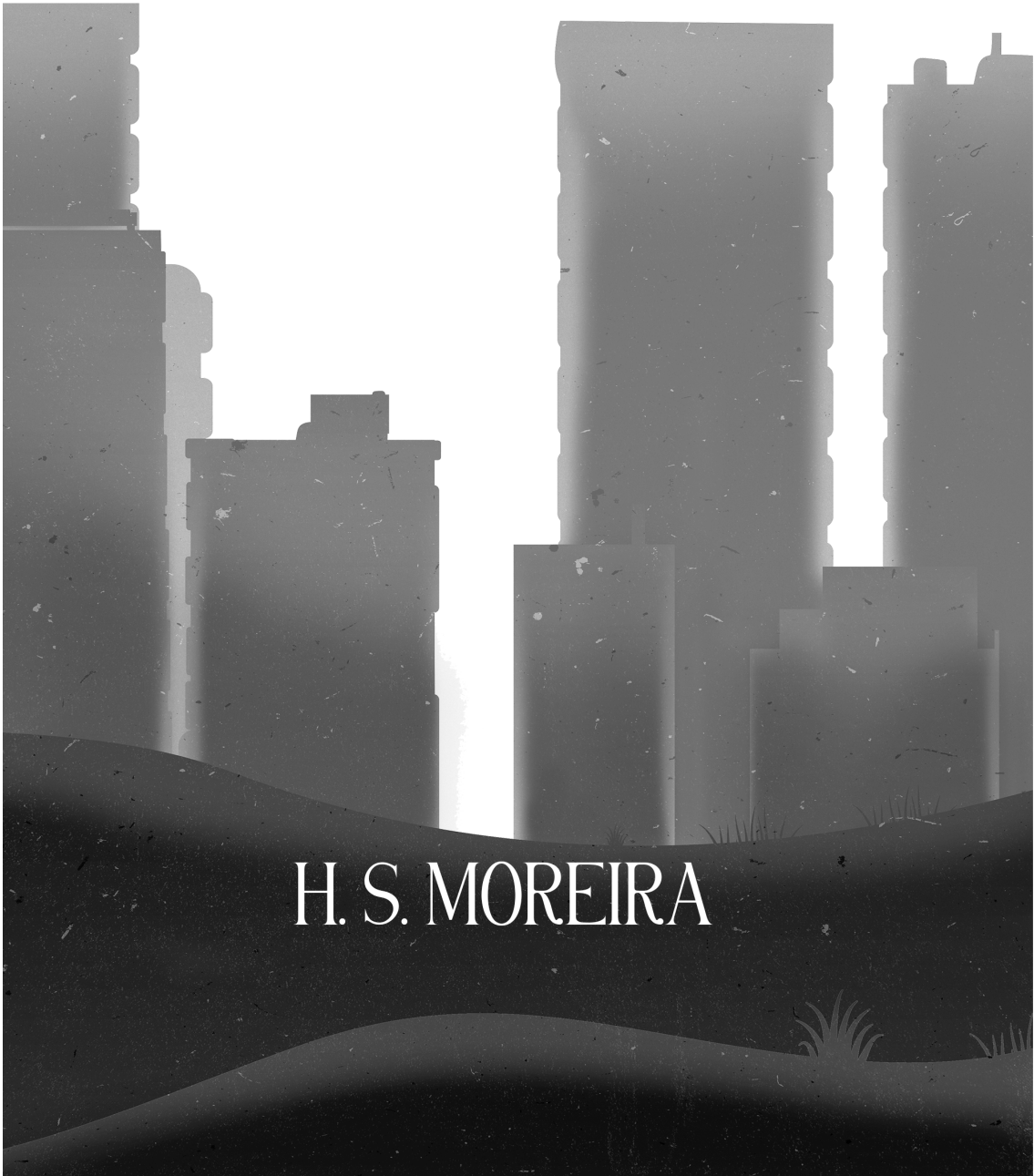




REBELDES

FACTOR R - LIVRO II



H. S. MOREIRA

Título Original: Factor R - Rebeldes

Autora: H. S. Moreira

Copyright © Editora Nova Geração & H. S. Moreira

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Rita Félix e Rosalina Marques

Paginação: Tânia Roberto

Capa: Rafaela Silva

1ª Edição: setembro de 2026

Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

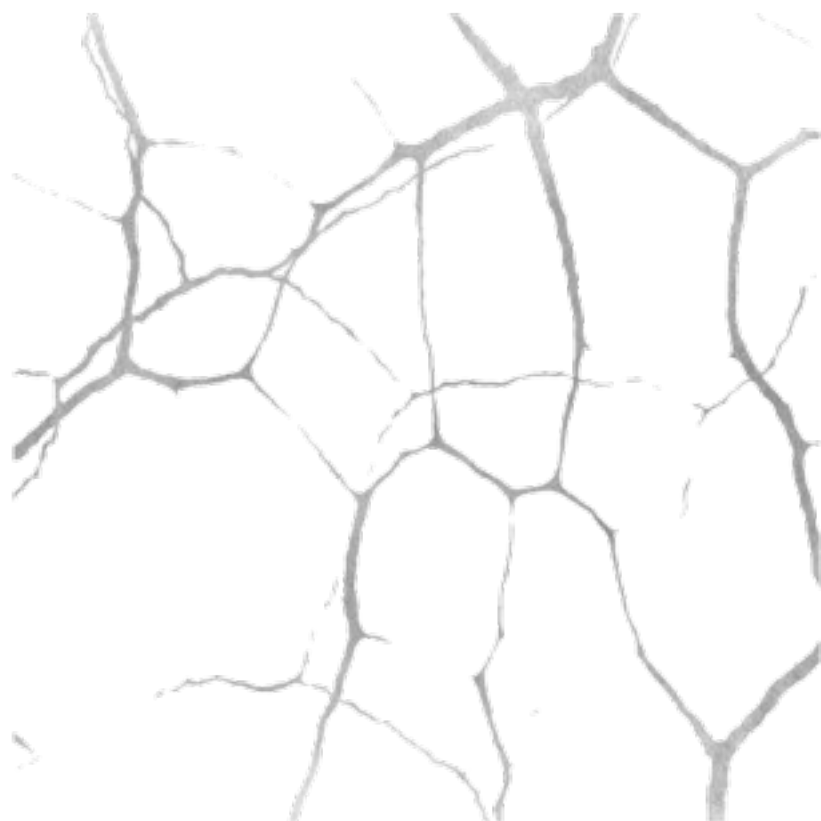
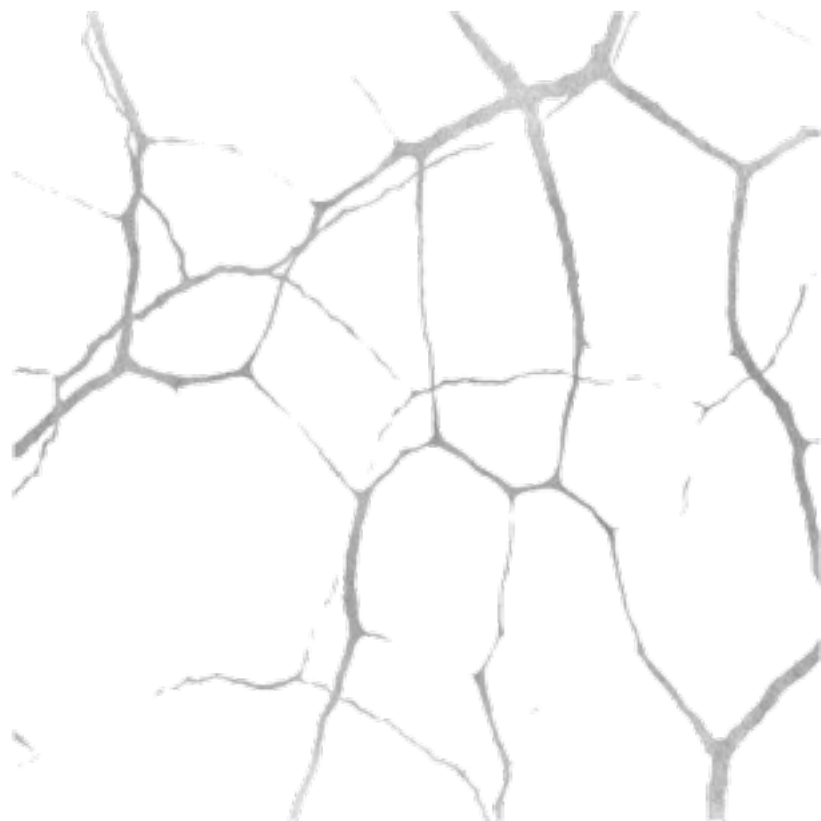
[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-4908-93-7

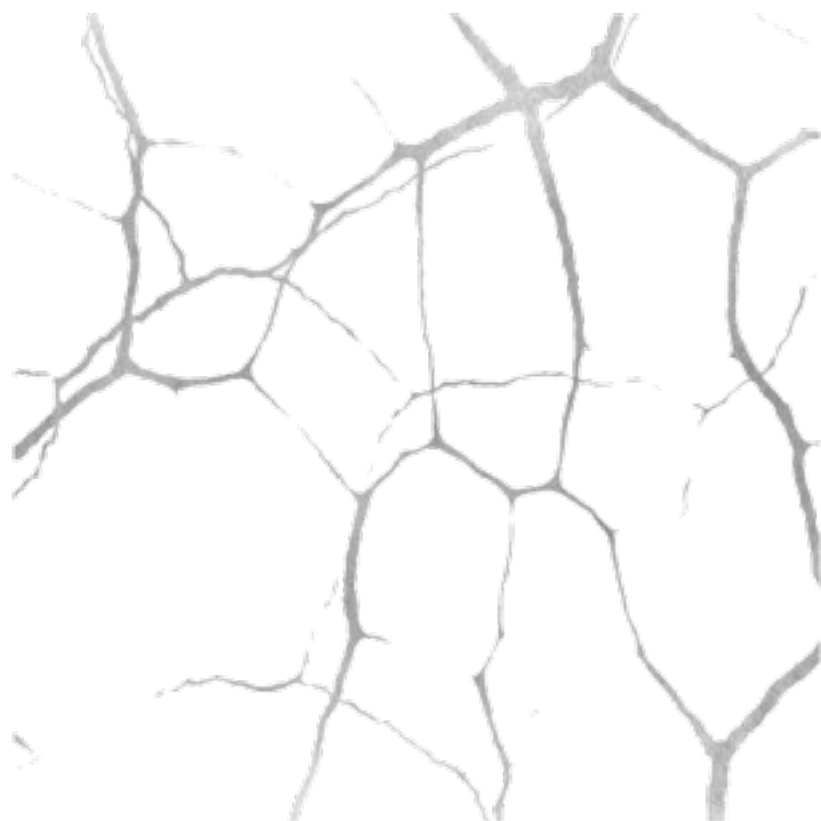
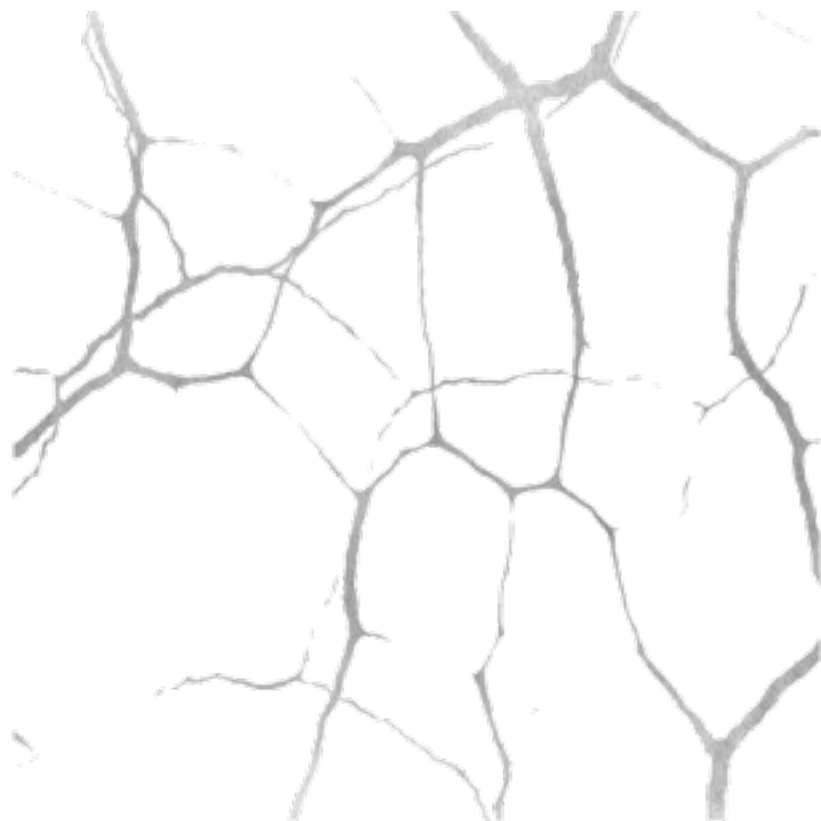


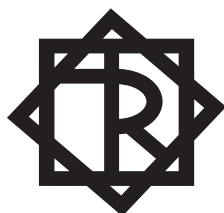
Para ti que ainda não te encontraste; um dia vamos lá chegar.



AVISOS DE GATILHO

Violência
Armas de fogo
Assassinato





PRÓLOGO

OS DOIS rapazes riam-se de Elliot, que estava corado até às orelhas, e com uma cara trancada, essa que os impedia de parar. Os risos cortavam o silêncio naquela terra de ninguém, alegres pelo momento e contagiados pela satisfação da longa viagem.

— Vá lá! Vais mesmo ficar amuado? — questionou o rapaz de cabelos escuros que não obteve resposta.

— Deixa o bebé amuar. — O comentário de Dicoro quase lhe valeu um pontapé de Elliot, mas desviou-se a tempo. O ofendido voltou a encolher o pé para debaixo da manta. — Isso foi uma tentativa de agressão! — Dicoro levantou a voz e recebeu como resposta um gesto obscuro, enquanto o outro rapaz se ria baixinho.

— Vocês não têm remédio — afirmou o rapaz. — Amanhã já estão a fazer algo para se rirem de mim.

— Então se sabes como funciona a nossa amizade, não te queixes. — Ambos troçaram, agora baixinho enquanto o Elliot os ignorava e tentava adormecer.

Fizeram silêncio e escutaram os sons da natureza que se erguera com os anos, livre da intervenção humana e das suas armas, livre para lhes roubar o lar que inicialmente fora seu. Os três amigos instalaram-se naquela extensa vila, onde as paredes das casas destruídas os protegiam dos ventos noturnos.

A lareira improvisada crepitava, queimando galhos secos e materiais sem dono, com os dois rapazes a observá-la. O Dicoro já deixava a cabeça pender de tanto sono.

— Se quiseses podes ir dormir, Dicoro. — As palavras fizeram Dicoro abrir repentinamente os olhos. — Eu posso ficar a vigiar o fogo. Qualquer coisa, acordo o Elliot. — Apontou com o polegar para o nomeado, observando-o respirar profundamente durante o sono.

— *Eu fico um pouco mais. — Dicoro esticou-se até à sua mochila e puxou uma velha manta preta. — Mas sim, se eu adormecer, desperta-o. — Deitou-se e cobriu-se com a manta, vendo o amigo sorrir rapidamente, antes de notar a escuridão no seu olhar. Levantou-se sobre um braço. — Al? O que se passa?*

— *Estava só a pensar que amanhã temos de voltar. — O Dicoro suspirou.*

— *Eu sei. Queria ir a mais sítios.*

— *Sim. — Apesar da sua resposta, o olhar de Al continuava longe.*

— *E de certeza que é só isso? — Seguiu-se um longo silêncio. Al continuava sério, o que preocupou Dicoro. Ele sentou-se e franziu o cenho. — Aconteceu alguma coisa, não foi?*

— *Não é nada. Estou só a pensar em todas as responsabilidades que vamos ter quando voltarmos.*

— *De certeza? — O amigo assentiu. — Sabes que podes contar-me o que seja.*

— *É que... — Sorriu com carinho. — Independentemente do que acontecer, precisamos de nos manter juntos. E vocês os dois, apesar de casmurros — Dicoro revirou os olhos e, depois, observou Elliot de costas para eles. —, precisam de se unir em qualquer eventualidade.*

— *Como assim? O que pensas que vai acontecer? — Al continuou a encarar as chamas.*

— *Há muitas coisas a acontecer à nossa volta, muito mais perigosas do que conseguimos imaginar.*

— *O que queres dizer com isso? Como o quê? — Al levantou a cabeça.*

— *Não sei. Qualquer coisa! Somos Factor R. Tudo pode acontecer, certo? — Dicoro deixou sair um suspiro, tanto aliviado como frustrado e deitou-se por fim.*

— *Oh! Só por causa disso? És tão dramático! Sinceramente... — Voltou as costas à lareira e tapou-se até aos ombros. — Se vais tu ficar de guarda, vou é dormir.*

— *Vai descansar.*

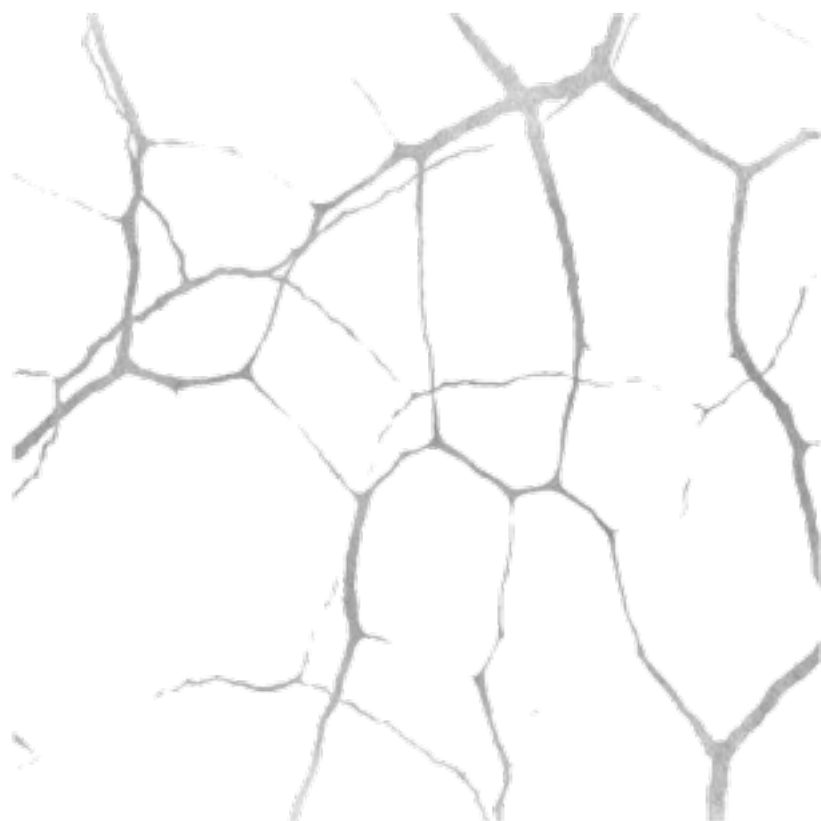
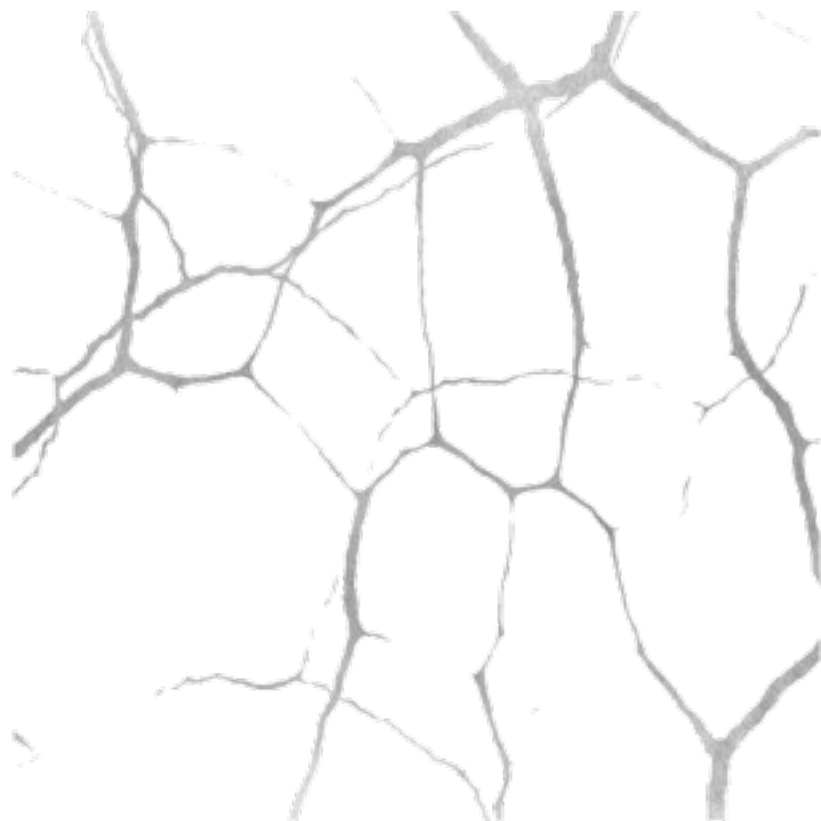
Al viu-se sozinho naquela noite e observou os dois companheiros, e amigos de tantos anos, garantindo que descansavam. Somente depois encarou novamente as chamas dançantes à sua frente.

O mais velho não estava pronto para lhes contar o que descobrira. Nem sabia como o fazer. Fora um tremendo choque e, por muito fortes que os seus melhores amigos fossem, não aguentaria ver a sua única família desfazer-se em pedaços.

Encarava as chamas como se delas viesse a resposta, pois ficar de braços cruzados não era uma opção para si.

Durante a viagem, esperou ter uma ideia milagrosa de como lhes contar tudo, mas nada. O dia seguinte seria a sua última oportunidade para atuar e não encontrara outra solução além do confronto com alguém em quem confiara durante anos. Essa era outra razão de não conseguir falar com os amigos.

Escutava o pesado respirar deles. Suspirou longamente e enterrou as mãos nos cabelos negros. A madrugada levá-los-ia de volta a casa, e tal ideia inquietava-o. Por muito que desejasse, os perigos que os rodeavam não desapareceriam, nem com todas as fugas possíveis. Teriam de enfrentar a realidade, mais cedo ou mais tarde, e Al sabia que nem sempre estaria presente para os proteger. Porém daria a sua vida por eles se tal fosse necessário.



DECRETO-LEI Nº 21/1050 PÓS QUEDA
ARTIGO 5.

6.º O teste da Alma Gémea é realizado obrigatoriamente a todo e qualquer cidadão no seu 16.º aniversário;

(...)

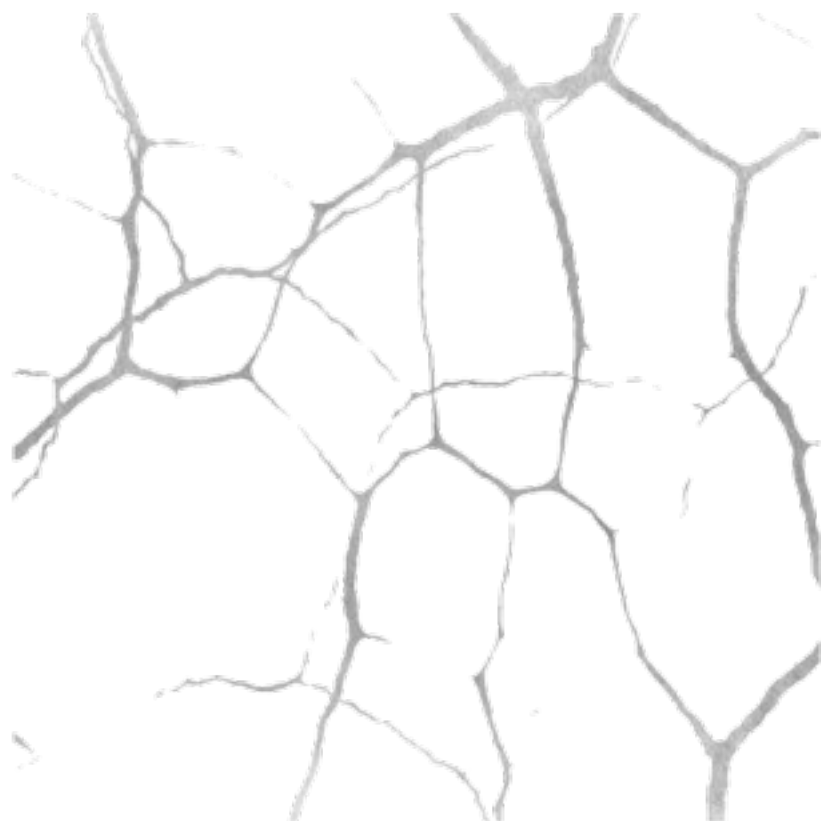
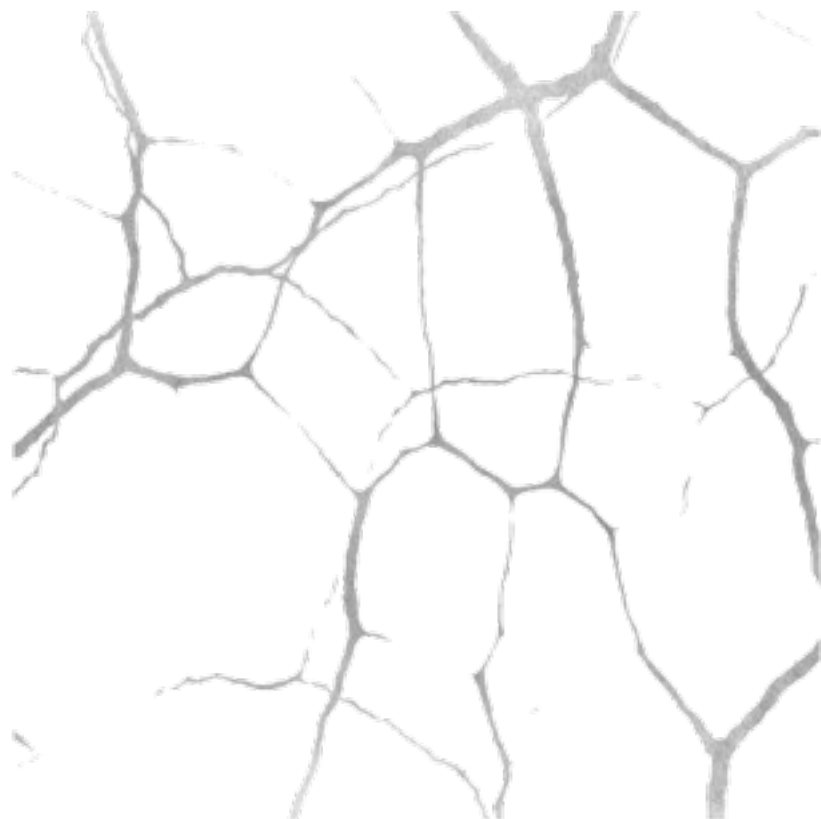
11.º É permitido qualquer tipo de relacionamento afetuoso com alguém não predestinado, mas é negado o matrimónio de ambos;

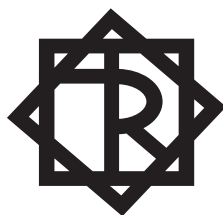
12.º Será permitida a união através do matrimónio mediante a prova da realização do teste da Alma Gémea [...];

(...)

16.º Divórcios e separação de família são atos proibidos e condenáveis com pena de prisão ou expulsão [...];

17.º Expulsão é o único ato legítimo de separação [...];





1

HÆIDI

FIZ todo o caminho até às Aldas de cabeça baixa. Tentava que os meus curtos cabelos acobreados cobrissem o rosto, mas não estava a ser bem-sucedida. Queria evitar eventuais perguntas dos Guardas de Segurança Máxima, apesar de nenhum dos agentes parecer estar a prestar atenção. Toda a situação era demasiado insólita por si só e eu também dispensava constrangimentos e respostas tortas ou evasivas.

Os dois homens da frente conversavam, baixo o suficiente para não conseguir escutar. Foquei-me no caminho adiante por entre as grades de metal. Ao longe começavam a surgir as muralhas, altas e imponentes, no meio do deserto infundável.

— Estamos a chegar, menina Belmont — informou a agente GSM a meu lado. — Entraremos pela Alda 20, onde você e a menina Price poderão receber cuidados médicos rapidamente. — Assenti e recordei-me que aquela ficava só a uma de separação da minha. Não estaria longe de casa.

Para entrar, os GSM tiveram de se apresentar aos Guardiões das Aldas, através de uma abertura feita na muralha, coberta pelo mesmo material das cúpulas. Comunicaram o porquê da sua presença através do intercomunicador.

Os veículos entraram e rumámos ao hospital, sem me questionarem se era realmente necessário. No entanto, não teria forças para protestar e pedir que me levassem para casa. Precisava de silêncio.

Tanto eu como a Rytha saímos dos veículos pelos próprios pés. Tive tempo somente para me despedir da minha amiga com um sorriso, antes de sermos encaminhadas até aos nossos quartos privados, mas não sem antes passarmos pelos largos corredores brancos e azuis, com todos os presentes a observarem. Verificavam que já não nos encontrávamos mais nas *garras dos monstros*, como muitos sussurravam.

Não tardou a chegar a enfermeira para recolher sangue e levarem-me para os exames. Passei esses momentos com a cabeça num turbilhão. Não parava de pensar em como estariam os Nicomedes, como todos haviam reagido e o que estariam a dizer. O que só piorava a minha dor de cabeça. A mesma intensificava-se ao aperceber-me que seria abalroada com perguntas, quer por da parte da minha família, quer da imprensa.

Por enquanto, distraía-me a observar as pernas cheias de pontos roxos irregulares, que levariam tempo a desaparecer. Recordei-me do corte na testa feito no deserto e na mão direita, no dia em que encontrei o Kim, que foram desinfetados por uma enfermeira.

— A marca na bochecha desaparecerá com o tempo. Não me parece que precisa de grandes cuidados neste momento — informou a enfermeira, antes de pousar os materiais em cima de uma mesa branca com rodas.

Apesar de a mulher à minha frente não se parecer em nada com a Amylie, nomeadamente no que respeitava ao uso dos materiais, o momento trouxe-me nostalgia. Não tinha o mesmo cuidado e naturalidade dela. O cabelo loiro e liso só piorava aquelas sensações amargas. Mas era simpática. Ou fazia por ser.

— Se quiser, o doutor pode sugerir-lhe bons cremes cicatrizantes. — Sorriu, como se houvesse alguma cumplicidade entre nós. — Se a incomodar muito, pode sempre perguntar-lhe por um bom cirurgião plástico.

— Nunca disse que me sentia incomodada com as minhas marcas.

O sorriso da enfermeira quebrou um pouco antes de sair em silêncio. Arrependi-me logo das minhas palavras. Não pretendia ser rude, mas foi mais forte do que eu, principalmente quando pressenti que o nome da minha família e poder monetário estavam envolvidos.

A porta do quarto abriu de repente e assustou-me. Encarei o homem com os cabelos negros despenteados e as profundas olheiras que lhe destacavam os olhos azuis.

O meu pai sorriu ao ver-me em segurança. Correu até mim, abraçou-me e beijou-me as faces, arranhando-me com a barba rala.

— Como é que tu estás, meu amor? — Revistou-me a face e as suas mazelas. — O que te fizeram aqueles monstros? — Afastei a mão ferida e escondia-a atrás das costas.

— Estou bem, pai. — Apesar do sorriso, não pareceu ser o suficiente para aliviar a sua preocupação.

— Cheguei a pensar que não te voltaria a ver. — Consegui ver como lutava contra as lágrimas enquanto me aflagava o cabelo. — Quando percebemos que vocês tinham sido levadas pelos Factor R, eu...

Peguei-lhe nas mãos para o acalmar e mostrar que estava tudo bem. Só dei pelo erro que cometi quando ele arregalou os olhos ao encarar a mão ferida.

— O que foi isto? — Afastou-se para me observar atentamente. Reparou também nas pernas e braços magoados. — O que se passou, Haidi? — Agarrou-me pelos ombros. — Filha, o que te fizeram?!

— Foi um acidente. — Afastei as grandes mãos que começavam a magoar-me.

— Senhor Belmont? — O médico apareceu no momento certo. Por enquanto livrara-me de um extenso questionário e uma série de desculpas.

— Doutor, já sabe o resultado dos exames? Deram algo à minha filha? Corre algum perigo?

Não pude deixar de notar como o meu pai parecia um espelho do meu «eu» que chegara à colónia dos Nicomedes. Não era um bom reflexo.

— Tenha calma. A sua filha está de perfeita saúde. — O patriarca Belmont soltou um longo suspiro e o médico focou-se no relatório no seu *tablet*. — As análises ao sangue não indicam substâncias prejudiciais. No entanto, foi encontrada uma mistura de ervas fortes no organismo. — Somente aí voltou a atenção para mim. — Foi-lhe dado a tomar algo assim?

— Sim, eu tomei uma medicação que os Factor R tomam também. — Após a resposta honesta, o meu pai encarou-me como se fosse louca.

— Foi imprudente fazê-lo. Devia saber isso. — Sabia que o tinha sido no início, mas depois não o fiz por imprudência. Havia uma certa confiança. — O restante está tudo normal. Não tem fraturas internas. E quero que saiba que, com o sangue, verificámos também a possibilidade de uma gravidez.

O choque no rosto do meu pai ao olhar de mim para o médico não me passou despercebido. Ele nem pareceu notar como fiquei aborrecida com as palavras do profissional de saúde.

— Poderia haver essa possibilidade, doutor? — perguntou o meu pai.

— Foi somente um exame para descartarmos qualquer possibilidade, inclusive a de...

O médico ainda estava a escolher as palavras, mas eu sabia bem quais

as que ele queria proferir. Esse pensamento deixou-me incomodada, principalmente ao recordar a noite nos braços do Dicoro.

— Violação, doutor — completei. Esperava que tivesse notado o meu desagrado. — E por que não me perguntou primeiro? Dar-lhe-ia a resposta, que *é não*. — O médico limitou-se a sorrir e a baixar tranquilamente o *tablet*.

— Menina Belmont, é normal a vítima não querer responder quando confrontada. As suas marcas preocuparam-nos e quisemos assegurar de que realmente estava tudo bem. — Aquelas palavras não me convenceram. — Lamento qualquer mal-estar.

— E o resultado, doutor? — O meu pai nem o deixou continuar. Colocou-se logo diante de mim.

— Deu um claro negativo. — O médico encarou-me e sorriu, claramente para tentar aliviar a situação. Não fora o suficiente.

Quando o médico se retirou, o meu pai passou o tempo a apertar-me nos seus braços, a beijar-me os cabelos e a repetir que estava tudo bem. No meio de todo este carinho, percebi que não acreditava quando lhe dizia que os Factor R não me magoaram. Porém, não o recriminava. No passado teria feito o mesmo. Preferi deixar que se acalmasse e mais tarde falaria com ele.

Não passou muito tempo até os gémeos aparecerem. Os rapazes encheram-me de abraços e perguntas sobre o meu estado, e acabaram a distrair-me com diversos temas quando perceberam que estava incomodada com a conversa. Eles conheciam-me tão bem.

Naquele mesmo dia, tanto eu como a Rytha fomos transferidas para um quarto onde permanecemos juntas o resto da noite. Pensei que ela tentaria falar sobre os Factor R, mas nenhuma de nós tocou no assunto.

Ainda assim, compreendíamos-nos sem mesmo termos de falar. Percebi-o quando a Rytha se aproximou da minha cama e pediu-me silenciosamente a mão. Adormecemos como quando éramos mais novas.

DIA 91 DO ANO 3542 P.Q. 12:42H

Finalmente foi-me dada alta para sair do hospital. Já não suportava ficar ali confinada — por muito que tivesse sido apenas um dia. A Rytha saiu bem mais cedo, acompanhada pelos pais, mais ansiosos do que

ela para a tirar dali. Eu ainda tive de esperar pela chegada do meu pai e irmãos. Proibiram-me de sair dali sozinha, ainda mais tendo em conta o amontoado de jornalistas no exterior. A Rytha conseguiu passar facilmente devido à intervenção do pai, com o seu cargo na polícia.

— Pronta? — questionou o Garuel, já com uma mochila às costas, com os poucos itens que me trouxeram para o hospital.

Só consegui assentir e sorrir um pouco. Tinha uma sensação esquisita, quase como se estivesse perdida, desorientada. Era como se o meu inconsciente e subconsciente estivessem numa batalha: um não sabia onde estava, o outro sabia que se dirigia a casa. Porém, um perturbava-me mais do que o outro.

— Estás bem, filha? — O meu pai colocou as mãos nas minhas costas, mas parecia que o conforto não estava lá.

— Estou um pouco ansiosa, só isso.

Aproximei-me do Garuel e agarrei-o pelo braço. Apertei-o ligeiramente e percebi como o meu irmão olhou para mim e pareceu perceber o meu estado de espírito, mas não disse nada. Limitou-se a acompanhar-me, deixando o nosso pai e irmão seguirem à frente.

Deixámos a secretaria após anunciarmos a alta e, mal as portas do hospital se abriram, os jornalistas pareceram acordar. Correram em debandada para a nossa frente, enquanto aguardávamos pelo carro.

Ouvia chamarem-me, pedirem-me atenção e os *flashes* das câmaras eram constantes e só me atrapalhavam a visão. Faziam tantas perguntas, todos ao mesmo tempo, que não conseguia perceber nem metade. Entendia apenas serem sobre os Factor R — o que era inevitável.

— Iremos responder apenas a algumas questões — começou o meu pai. Desejava que ele apenas os pusesse a andar. — A minha filha irá responder somente ao que quiser. — E mesmo assim, foi ele quem apontou para uma jornalista e esta avançou com a questão.

— Menina Belmont, gostaríamos de saber como é que você e a sua amiga acabaram cativas pelos Factor R? — Apertei novamente o braço do meu irmão, que acabou por me agarrar a mão. Diminui a força, após receber um aperto de volta, pois não percebi se me queria acalmar ou se estava a avisar-me de que o estava a magoar.

— Não estivemos cativas. — O meu pai encarou-me quase como se tivesse dito uma blasfêmia. — Foi apenas um acidente.

— Mas e os ferimentos que lhe foram causados? — questionou um homem. — Foram agredidas?

— O quê? — Fiquei boquiaberta com a questão. Entendia o porquê dela, mas não pude evitar a surpresa, quase como uma ofensa. — Não! Foram... — Olhei para a minha mão e não sabia como explicar a situação sem me alongar muito. Só queria ir embora. — São... Eles não fizeram nada.

— Então está a afirmar que foram bem tratadas? Que eles não foram agressivos para consigo e a sua amiga?

— Um de cada vez! — vociferou o meu pai. — A minha filha acabou de ser libertada de um cativeiro, tenham o mínimo de respeito de fazer as coisas com decência.

Começava a questionar-me quem não tinha decência naquela situação. O meu pai via-me naquele estado e mesmo assim insistia naquele espetáculo. Nunca o contestara até então, mas a situação parecia-me errada. As questões... Estava tudo mal!

— A minha filha e a Rytha Price foram vítimas dos Factor R, mas graças aos GSM, conseguiram ser libertadas e saíram com nada mais do que algumas mazelas e possíveis traumas.

Eu nunca afirmara aquilo para o meu pai. Sentia que falara para as paredes. Para um grande muro que se recusava a vergar à verdade.

— Tira-me daqui — pedi em sussurro ao meu Garuel.

— Max... — O gémeo chamou-o. Ele estava ao meu lado e pareceu ter-me ouvido. O Maxione deu-me a mão para voltarmos a entrar no hospital e esperarmos lá dentro pelo carro.

— Menina Belmont! — gritou um outro homem, ignorando o facto de lhes estar a virar as costas. — Confirma os rumores de uma possível gravidez? — O meu corpo endureceu com aquela questão e o meu último momento com o Dicoro passou-me em *flash* pela mente.

— Isso não passa de um rumor! — afirmou o meu pai. — Essa informação não deveria estar na vossa posse e levarei à justiça quem quebrou o código de sigilo dos pacientes.

— Foi sexualmente agredida pelos Factor R? — Consegui ouvir a questão de uma mulher por cima das várias vozes que faziam perguntas semelhantes.

— Que absurdo! — Larguei as mãos dos meus irmãos e voltei-me. — Eles não me fizeram nada, será que não perceberam isso?! — O peito subia e descia com toda a força. — Eles... Eles é que merecem um pedido de desculpas da minha parte! E de todos vocês também!

O meu pai ficou atónito com as minhas palavras. Os jornalistas

calaram-se. E eu, com as bochechas a arder, voltei-me para os meus irmãos e puxei-os para dentro do edifício.



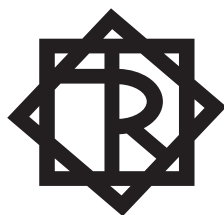
Depois que saímos do hospital, ainda demorámos a chegar a casa. A entrada, felizmente, estava desimpedida de jornalistas. O meu pai certificou-se de tal. Assim como se certificou de não me dirigir uma palavra durante todo o trajeto. A viagem foi num silêncio quase fúnebre.

Fui sempre a tocar na cicatriz da mão direita. Era como fogo latejante. Tocava na palma discretamente para não dar mais um motivo ao meu pai para se aborrecer comigo.

Não ficava exatamente feliz por tê-la, mas tinha um certo orgulho ao perceber as memórias que carregava. Lembrava-me do pequeno Kim, daquelas crianças todas e fazia-me pensar que Dicoro e tantos outros foram como os Factor R: abandonados no deserto, esperando a morte pela desidratação ou sufocamento com as tempestades de areia.

Não me arrependia de o ter salvo. Fá-lo-ia de novo. Apenas me arrependia da forma como parti, como tudo terminou.

Era o meu único remorso.



2

HAIDI

DIA 103 DO ANO 3542 P.Q.

15:04H

PERMANECI sentada enquanto a psicóloga passava várias páginas do *tablet* e eu observava os seus repetidos movimentos, uma vez mais, no seu gabinete: um espaço sempre branco e imaculado como se fosse retocado constantemente. As cadeiras de um impecável couro castanho e os móveis brancos que contribuíam para o ambiente profissional e aborrecido.

Há anos que tinha sessões de psicologia com a doutora Erineia. O meu pai insistira após a morte da minha mãe, alegando que ela era a melhor da nossa Alda e, claro, acompanhava também os meus irmãos. Ou, pelo menos, acompanhou durante um certo tempo.

Segundo a própria, eu era um caso mais complicado devido à minha pouca exteriorização de sentimentos. Acreditava ter melhorado com as sessões, as quais, eu preferia nem ter. Porém, tinha plena noção que o meu pai não me deixaria em paz se desistisse agora. Não depois de retomar as sessões com urgência, como ele pediu. Afirmou que eu poderia desabafar e ultrapassar qualquer trauma que tivesse sofrido.

Não tive grande alternativa senão apresentar-me no gabinete com os desenhos que ela me pedia há anos para fazer. Era algo que já fazia antes com a minha mãe, uma atividade só nossa, até se tornar um método para ser avaliada por uma psicóloga.

Era uma forma para expressar o que quisesse, numa suposta tentativa de me abrir mais. O problema é que apesar dos anos de sessões, começava a duvidar do método e resultado.

Os desenhos não passavam, por vezes, de simples rabiscos, sobre

os quais ela perguntava o porquê e finalidade, mas eu fazia-os por tédio. Por vezes esforçava-me e usava as aulas de arte que tivera quando era mais nova e aproveitava para desenhar as plantas de casa, os meus irmãos e pai, ou mesmo a minha mãe. Sabia sempre que isso iria levar a outras perguntas, com a doutora a querer saber se estava disposta a partilhar algo. Devia pensar que o método estava a dar os seus frutos. No final, o que partilhava acabava sempre por desiludi-la. Não o dizia, mas era fácil de ver pela falta de um sorriso e o cenho ligeiramente franzido.

Parecia estar no meu último desenho e analisava-o com mais atenção. Já eu continuava à espera das perguntas. E começava a arrepender-me *muito* de ter deixado aquele esboço dentro da pasta e de não o ter transferido para o computador, ainda mais quando ela levantou a cabeça e me fitou por de trás dos pequenos óculos graduados.

— Tem aqui algo novo. — Pousou o *tablet* em cima da mesa e virou o desenho para mim. — Quer falar um pouco sobre ele?

— É o que aí está. Uma pessoa, sentada... Foi o que me veio à cabeça.

— E não o terminou?

— Não.

— Porque não quis ou não conseguiu?

— Talvez um pouco de ambos.

— Representa alguém em particular?

Não era parva a ponto de não perceber que queria que revelasse o nome do visível homem naquele desenho. Esperava que lhe dissesse que era o Dicoro? Um Factor R a beber e a assistir a uma luta amigável, devido a uma comemoração de um acordo de tréguas? Possivelmente não com tantos detalhes, mas ela estava sedenta de informação.

— Não. É só alguém que me apeteceu desenhar.

— Mas é alguém. — Apercebi-me do meu erro. Tentei que ela não percebesse a minha perturbação e limitei-me a encará-la.

— Sim, é um homem. Uma pessoa... *Alguém*. Nem lhe dei um rosto, quanto mais uma identidade.

— Haidi, sei que é difícil falar sobre o que aconteceu, mas tem a certeza de que este desenho em particular não quer dizer nada?

— Não.

— Talvez estejamos a ir com alguma rapidez neste assunto, mas eu gostaria de saber se o homem que aparece neste desenho não é um dos homens com quem estive em cativeiro. — Fiquei surpreendida com a palavra usada.

— Não estive num cativeiro. Nunca disse isso.

— Mas esteve com os Factor R, certo?

— Sim, estive, mas não lhe posso chamar isso — insisti, contendo a minha frustração.

— E por que não? Foi bem tratada lá?

Independentemente das minhas palavras, ela jamais deveria falar sobre isto com quem fosse. Estava sob sigilo profissional. Nada do que dissesse poderia sair daquele gabinete, assim como nada do que eu dissesse seria visto como credível. Que sentido faria dizê-las? Ela acreditaria sequer em mim? Era paciente dela há anos, mas agora apenas falávamos dos Factor R. Todos os odiavam, por que deveria eu ser diferente? Por que deveria abonar a favor deles quando todos queriam à força que os denegrisse? E a doutora não pensava de modo diferente.

— Vou-lhe ser franca. — Ao ver que eu continuava muda, prosseguiu: — Antes desta sessão, o seu pai falou comigo...

— Claro... — Finalmente entendia a insistência em questionar somente aquele desenho. Não se devia à possibilidade de vir a acreditar em mim. Ao longo dos anos sempre mostrara muita paciência e a sua insistência era atípica e sem motivo aparente... ou assim pensara. — E foi isso que ele lhe disse, que estive em cativeiro?

— Não foi necessário ele dizê-lo, tendo em conta onde se encontrou durante este tempo e as consequentes sequelas. — Respirei calmamente, tentando evitar a frustração.

— Diga-me uma coisa, doutora Erineia, foi o meu pai que lhe pediu para fazer isto?

— Desculpe?

— Pode ser honesta. Foi o meu pai que pediu para ser tão insistente e fazer perguntas sobre os Factor R, certo? — Ela encostou-se calmamente na cadeira e sorriu-me. — Deve ter várias para colocar, mesmo sabendo que eu não quero responder.

— Acho que não estou a perceber.

— Está sim. Foi exatamente isso que quis dizer. O meu pai pediu-lhe que me perguntasse sobre os Factor R. Como ele não conseguiu obter respostas pessoalmente, está a tentar por outros meios.

— Está enganada. A Haidi sabe perfeitamente que estou sob...

— Sob sigilo profissional. Sim, eu sei. Então por que falou o meu pai consigo antes da sessão? Nunca o fez, porquê agora? — Se ela queria que eu comesse a exteriorizar os meus sentimentos, então ela iria ter

a exteriorização que tanto ansiava. — Por que não é honesta e admite a verdade? — Ouvi-a soltar um longo suspiro. Retirou os óculos para os limpar e ajeitar os fios do cabelo escuro para trás da orelha, mostrando melhor as nítidas olheiras.

— Serei, então, honesta consigo, como pediu. — Tornou a colocar os óculos, encarando-me com seriedade. — O seu pai pediu-me para lhe fazer perguntas sobre aqueles acontecimentos, mesmo sabendo que a Haidi não quer tocar no assunto. No entanto, fazer estas perguntas não é somente do interesse do seu pai, mas também do meu como sua psicóloga. — Nunca a vira falar daquela forma. — Já temos sessões há vários anos, mas não vejo grandes progressos; são tão fracos que mal podem ter nome. E quer que lhe diga o porquê? A Haidi não faz qualquer esforço para isso. — Nunca pensei que me falasse num tom mais alterado. — O tempo que passámos a discutir métodos, a tentar criar soluções para o seu problema, não serviram de praticamente nada. Estou errada? — Não tinha como lhe responder. Não era mentira. — Você voltou com uma ligeira diferença. É visível. Porém, se voltar a cancelar essa diferença, tal como fez com todas as outras, as próximas sessões não servirão de nada porque a Haidi *não deixa*. E eu pergunto-me: por que vem às sessões, afinal? — Passei a alça da mala por cima da cabeça, ajeitando as mangas do vestido lilás.

— Talvez tenha razão. As sessões não têm dado em nada por minha única e exclusiva culpa, mas eu nunca pedi para ser acompanhada por uma psicóloga.

— Então está aqui contrariada?

— Não diria contrariada, mas sem grande vontade. A ideia foi do meu pai, por pensar que me poderia ajudar. Doutora, já pensou que se não faço um esforço é porque não quero? Porque não há nada que o faça valer a pena?

— E o que faria valer?

— Não sei. Foi isso que tentei descobrir consigo e não consegui. Não há nada que possa fazer para que mude de postura com todos à minha volta. Há coisas difíceis de conseguir, tal como há coisas que não devemos contar a ninguém. Especialmente quem está sob sigilo profissional. — Levantei-me e ajeitei a comprida e esvoaçante saia do vestido. — Até uma próxima, doutora. — Saí da sala e dirigi-me ao carro para ir para casa.

Conduzi com a cabeça a mil, sem conseguir tirar da cabeça o facto de o meu pai querer saber de tudo à força. Qual era o objetivo? Já lhe dissera tudo o que era necessário, por que queria mais? Achava que

estava a mentir? Pensei que confiasse um pouco mais na minha palavra e terminasse com as tentativas de interrogatório. Infelizmente, tinha noção de que nada valeria tentar chamá-lo à razão. Acabaria por me dizer que estava apenas preocupado, que só queria o melhor para mim e não duvidava. Afinal, era meu pai.

Não fiz qualquer promessa ou juramento antes de sair do esconderijo dos Factor R, mas não revelaria o que fosse por muito que insistissem, tal como os jornalistas à entrada da minha casa e os quais os meus irmãos e seguranças tentavam dispersar. Quando tentei entrar para a garagem, alguns colocaram-se estrategicamente diante do portão, ao perceberem que era eu quem se encontrava no veículo. Travei e pisei a fundo no acelerador. O carro rangeu, afastando-os com toda a rapidez, enquanto o portão se abria para me deixar passar.

Entre os vários jornalistas, podia jurar ter visto duas pessoas a segurar uma bandeira pelas pontas, esticando-a. No seu centro parecia-me ter visto um desenho que remetia para duas mãos cruzadas e tons de terra e areia em redor. Não parei para averiguar.

Estacionei e caminhei até casa, não sem antes de ver os meus irmãos a avançar na direção dos jornalistas e ameaçar chamar as autoridades se eles não se fossem embora. Quando já estavam junto de mim, com os seguranças a tratar do assunto, cumprimentei-os com rápidos abraços e fui para o quarto.

O *tablet* foi diretamente para dentro da gaveta de onde nunca devia ter saído. E mal tirei os sapatos, caí na cama com o cheiro dos lençóis lavados, rodeada pelo silêncio do amplo espaço. Sentia que ainda não me tinha habituado a um quarto diferente do que aquele que os Factor R me deram. Era uma sensação estranha estar no meu próprio quarto, no conforto e comodidade que não me oferecia e passar os olhos em volta e me parecer tudo tão... vazio.

Estava esgotada psicologicamente. Nunca pensei que cair de uma mota, a vários metros do chão, conseguisse ser mais agradável quando comparado com os últimos acontecimentos. Eram só situações desagradáveis umas atrás das outras. E esperava que Maxione não trouxesse outra, mais ainda quando vi a sua expressão à porta do meu quarto.

— Adivinha o que o Garuel e a Werty estão na cozinha a fazer para ti.

— Gema de ovo com açúcar? — Arqueei as sobrelanceiras, expectante com o que ele disse.

— Numa tigela de barro! A tua sobremesa favorita. — Vê-lo caminhar

até mim só me fez pensar no quanto ambos cresceram. Ainda há uns anos eram os meus pequenos melgas e agora estavam feitos uns homens que já me ultrapassavam em altura. Era um sentimento estranho vê-los tão grandes. Estar fora fez-me percebê-lo. — Achámos que isso te iria fazer sentir melhor. — Sentou-se diante de mim e encarou-me com os seus bonitos olhos azuis. — Não tens parecido bem desde que voltaste de lá...

— É. Eu tento, mas o pai e os jornalistas não ajudam.

— Tenta compreender o pai. Ele está preocupado contigo e nós os dois também. — Pus-lhe alguns fios escuros para trás da orelha. O tamanho do cabelo era a única coisa que o distinguia do seu gémeo.

— Eu sei, Max, mas isso não lhe dá o direito de manipular a minha psicóloga para obter informações em relação ao que se passou com os Factor R.

— Estás a falar a sério? — Ficou boquiaberto quando o confirmei. Imaginava que os meus irmãos não sabiam de nada. Partilhavam tudo um com o outro. O que um sabia, o outro tinha de saber.

— Sim. Sei que não o faz por maldade, mas os métodos não são os melhores. Estou cansada de toda a gente querer saber tudo. Não quero que estejam sempre a fazer-me perguntas.

— Mas nós só queremos saber o que aconteceu. Não falas connosco e somos a tua família. — Encarei a tristeza estampada na face do meu irmão. — Ida, eles fizeram-te mal? — Não lhe respondi, limitando-me a levantar e ir arrumar os pertences da minha mala. Talvez o silêncio fosse pior, mas era a única resposta que lhe conseguia dar. — E todas essas marcas? Como as justificas?

— Outra vez? — Suspirei audivelmente. — Quedas. Caí de uma mota.

— Até as marcas na cara?

— A mota estava a meros metros do chão e em andamento.

— Vá lá, Haidi! A sério? Podes enganar quem quer que seja, mas podias ao menos ser honesta comigo?! Aconteceu alguma coisa, de certeza. Eles são gente perigosa.

— Não são! Eles não são assim como todos vocês os descrevem! Será assim tão difícil de perceber isso por meras palavras?! — Arrependi-me do meu tom. Jamais lhe havia levantado a voz. Esfreguei a face e passei as mãos pelo cabelo. O nó que prendia duas grossas mechas desfez-se e o cabelo cobriu-me as bochechas. Queria perceber o que se passava comigo. — Desculpa... Não queria ter gritado, apenas... Eles não são tudo isso que as pessoas pensam. Não são assim tão maus.

— Tens a certeza que não te deram nada? Não te ameaçaram para dizeres essas coisas?

— Então, Max! Querias que te dissesse as verdades, certo?

— Ah! Então há mais! — Percebi que nem fora uma pergunta. O Maxione era bastante perspicaz. — E é alguma dessas *verdades* que te está a deixar assim tão transtornada?

— Que verdades são essas? — O Garuel entrou no meu quarto. Não o censurava pela surpresa, a porta ficou aberta.

— A Haidi ia contar-me sobre o que se passou com os Factor R. — Ele ficou espantado, não evitando um sorriso.

— Queres ouvir também, não é? — perguntei.

Aproximou-se do gêmeo e sentou-se atrás dele. Ambos encararam-me com os seus olhos pedinchões. Não evitei sorrir com aquele cenário. Conseguiram sempre o que queriam da irmã mais velha.

— E então? O que se passou afinal? — Ajeitei-me na cama escutando o Maxione. — E conta só aquilo com que te sentires confortável. — Sorri.

— Desculpa? Eu quero saber todos os detalhes! Estás sob pressão, maninha! — O Maxione voltou-se para lhe dar uma palmada na cabeça, mas o engraçado do nosso irmão foi mais rápido e deitou-se para trás.

— Vais lá para fora — ameacei, apesar de não estar chateada com ele.

Os gémeos estrebucharam durante uns segundos, como só dois irmãos juntos desde o nascimento sabem fazer. Bastou um simples olhar mais severo para pararem.

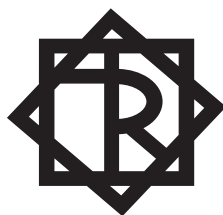
Comecei por explicar tudo de forma muito superficial: como fui levada, como menti sobre quem eu era e como usara o nome da nossa mãe e do meu falecido Alma Gémea para me proteger, uma vez que já pensei como eles. contei-lhes sobre os Aldeões e ambos acharam a sua graça à nomeação dada pelos Factor R, sem deixarem de se surpreender com a presença de antigos cidadãos a viver fora das Aldas.

Contei-lhes sobre a Inara, a Amylie, o Derlion e o Sebastiam. Também falei sobre o Dicoro, mas não avancei muito mais. Custava-me pensar, quanto mais falar sobre ele. A consciência pesava-me nesses momentos. Porém, não lhes oculte o dia em que parti da colónia dos Nicomedes e em como reagiram.

— Achas que eles não te perdoariam se voltasses?

Parei uns bons segundos para pensar na pergunta do Garuel. A resposta não demorou a surgir.

— Não.



3

HÆIDI

DIA 104 DO ANO 3542 P.Q.

14:26H

FAZIA anos desde que visitara aquela parte da Alda. Lembrava-me de a frequentar tantas vezes com a minha mãe, mas o meu pai nunca mais o fizera após a sua morte e o hábito deixou de existir na nossa família. Ia quando as saudades da minha mãe apertavam, quando nem olhar para os seus retratos ajudava. Devia ser isso que os locais sagrados faziam: acalmavam o espírito, mesmo que eu nunca fora de acreditar em deuses.

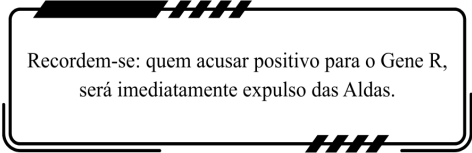
Conduzi pela cidade e pareceu-me tudo tão familiar como estranho. Nos últimos tempos, as Aldas traziam-me uma sensação agri-doce; era familiar, mas sentia que não era o que necessitava na minha vida.

Não tinha explorado todo aquele mundo dos Factor R e queria continuar. Sabia que havia *muito* mais. Eles escondiam-me coisas e sabia-o. Tanto a Amylie como o professor Siruel Lona ocultavam-me informação quando os confrontava com perguntas, tal como os ex-Aldeões que não pareciam dispostos a falar sobre temas além da vida na zona deserta. Todas as respostas eram muito superficiais. Nada me parecia completo. Havia tantas interrogações, tantas coisas novas para experimentar...

Parada no sinal vermelho, olhei pela janela e notei que muitos dos habitantes se encontravam atentos num dos grandes monitores expostos num dos prédios comerciais. Baixei o vidro da janela para ouvir a familiar voz feminina transmitir a mesma mensagem de sempre.

Caros cidadãos das Aldas! Recordo-vos a todos que hoje é dia de teste à verificação do Gene R. Contamos com a vossa comparência na Alda Central, onde está o vosso registo. Basta apresentarem-se às nossas simpáticas secretárias e elas irão encaminhar-vos à sala que vos foi destinada para o teste. Recordem-se: quem acusar...

Anteriormente, ao deparar-me com o anúncio, ignorava-o. O meu pensamento era que se fui declarada como cidadã, por que deveria prestar atenção a algo que não era comigo? Porém, quanto mais atenção lhe dava, mais aquelas palavras finais me pareciam saídas de um pesadelo. A bela mulher morena anunciava:



Recordem-se: quem acusar positivo para o Gene R,
será imediatamente expulso das Aldas.

De sorriso estampado no rosto, anunciava o encontro com a morte.

Nunca discordei ou deixei de concordar com tais ideias, com a ideologia de um único tipo de seres humanos. Somente aceitei. Agora, vendo aquele anúncio, sentia-me suja, atormentada pelos fantasmas dos Factor R que morreram. Podia não ter feito nada diretamente, mas era tão culpada como os que os mandavam para o deserto: uma assassina.

Sobressaltei-me com os carros a apitar atrás de mim, até perceber que estava parada num sinal verde. Acelerei no instante em que este ficou amarelo.

Os outros veículos ficaram para trás e eu continuei a avançar, com os condutores provavelmente ainda aborrecidos. Parei somente junto aos edifícios rasteiros, rodeados de silêncio e orações.

Os locais sagrados encontravam-se sempre junto às muralhas e longe das portas. Nem todas as religiões existiam numa única Alda, mudando consoante o número de praticantes. Se os crentes reduzissem muito, a solução do Governo para esse tipo de situações era os crentes mudarem de Alda — se a mesma não tivesse já preenchido o número máximo de habitantes.

Parando para observar os edifícios que abrigavam os locais sagrados, em nada se pareciam com as imagens dos livros de História: eram cinzentos ou brancos como tantos outros, os telhados simples, em bico e algumas janelas pintadas ou marcadas com símbolos. Era triste de se pensar, principalmente pela beleza que muitos tiveram e que jamais seria recuperada.

Por onde entrei, o interior resumia-se a duas grandes portas de entrada, um curto corredor que se dividia em três partes e levavam a portas e escadas para direções diferentes, indicando os diversos locais religiosos.

Segui para o corredor em frente e deparei-me com uma capela que ocupava todo o rés do chão, juntamente com o pequeno templo budista do outro lado.

Grande parte dos bancos encontravam-se escondidos por panos, com paredes descascadas devido às obras. Fazia imenso tempo que não via aquele espaço, mas nada mudara. Podiam ter modificado pequenos detalhes, mas tudo se mantinha exatamente como da última vez que pisara aquele chão.

Avancei, constrangida, até aos últimos bancos. A minha mãe costumava ir para os da frente durante as missas, mas eu não me sentia confortável. Parecia que observavam cada um dos meus movimentos, como se tentassem adivinhar o que me ia na alma.

— Já faz bastante tempo desde que pisou esta igreja.

A meu lado vi sentar-se um homem que conheci na minha infância, com as vestes negras que me eram tão familiares. Continuava amável, brindando-me com um sorriso numa face já bastante envelhecida.

— Boa tarde, padre Invino. Não pensei que me reconhecesse tão facilmente. — O velho homem emanava a mesma energia de há anos. Somente a cabeça já estava desprovida de fios de cabelo.

— É igualzinha à sua mãe. Com algumas diferenças no que respeita à cor dos olhos, mas são como duas gotas de água. Além de que agora está em todos os jornais. — O tom brincalhão ainda continuava presente.

— Tem razão. É fácil reconhecer-me em qualquer lugar. — Virou-se um pouco mais para mim, sério.

— E como é que está após o que aconteceu?

— Bem. Apesar de todo o espetáculo e exagero, estou bem.

— Acha que é um exagero? — Franziu o sobrolho.

— Sim. — Não devia ter dito aquilo. Ele faria um juízo de valor tal como acontecia com todos. — Achei desnecessário.

— Entendo. Talvez só o tenham feito para alertar mais pessoas para que tal não lhes aconteça a elas. Já viu por essa perspetiva?

— Já. — Claro que não. Talvez todos devessem passar uns dias com os Factor R.

— No entanto, não me parece que concorde com tal perspetiva. Estou errado? — Encarei-o, espantada. Tinha um brilho nos olhos, reforçado pelo sorriso. — A Haidi é realmente muito parecida com a sua mãe; ambas péssimas mentirosas. — Suspirei, de certo modo, aliviada.

Se ele soubesse.

— Não diga nada ao meu pai. Ele não iria gostar.

— Nada sairá daqui. Apenas Cristo é nossa testemunha.

— Agradeço, padre.

— Espero que tenha aprendido algo de útil e importante para si, Haidi. Talvez Deus lhe tenha traçado este destino porque necessitava dessa aprendizagem. Ele tem destes mistérios. — Sorri e olhei para a cruz ao fundo da capela mal adornada.

— O problema é não acreditar no destino, padre. Acredito em escolhas. Aprendi que não há só um caminho. — Fiquei feliz por vê-lo atento ao que eu dizia. — No dia em que entrei naquela carrinha, tracei um novo caminho para mim. Se não tivesse entrado, ele seria completamente diferente e nunca teria as experiências que tive com os Factor R.

— Entendo. — Levantou-se e ajeitou as vestes. — Deixo-a, então, com o Senhor. Espero vê-la novamente, Haidi, e sobretudo espero que encontre paz nos seus dias e em tudo o que ainda está por vir, assim como nas *escolhas* que tomará. — Ri-me baixinho com o enfase.

Por momentos, as faces daqueles com quem me cruzei naquele deserto, vieram-me à mente tão rápido quanto desapareceram.

— Obrigada, padre. Talvez escolha algum caminho, só ainda não sei bem qual.

Saí do edifício calmamente, arrependendo-me do uso dos sapatos de salto alto. Era como se já não soubesse andar com alguns centímetros a mais debaixo dos pés. Ao que parecia, ter estado com os Factor R modificou até os meus hábitos mais básicos. Notei-o quando me senti tropeçar sem qualquer razão.

— Trapalhona. — Levantei a cabeça ao som de uma voz familiar, desiludida quando percebi que não podia ser o Dicoro.

— Oh, és tu. — Ajeitei a alça do vestido vermelho e da mala branca, vendo o olhar indignado do Garuel.

— Também estou feliz por te ver, mana. — Ele fez o sinal da cruz diante do prédio.

— Desculpa, Garu... Pensei que fosses outra pessoa. — Ele simplesmente revirou os olhos.

— Aliás, o que estás aqui a fazer? Desde quando vens à Igreja? — Levou a mão ao peito, num gesto teatral. Ele ia dar-se muito bem com Sebastiam. — Vieste excomungar o demónio que os Factor R puseram em ti? — Bati-lhe no peito com as costas da mão.

— Parvo. Apeteceu-me. Precisava de vir a um sítio diferente, onde

não vinha há imenso tempo. — Fixei novamente o prédio cinzento. — Este foi o primeiro sítio que me lembrei.

— Podias ter vindo rezar. — Quem olhava para os meus irmãos, não diria que Garuel professava uma fé, mas sim o Maxione, o gémeo bem-comportado.

— Deixo isso para ti. — Dei-lhe um beijo na bochecha e aproveitei para lhe despentear o cabelo. Claro que ele resmungou. — Reza pelos dois.

— Espera, Haidi! — Começou a retirar o telemóvel do bolso das calças. — O tal professor Lova... Lora...

— Lona? O professor Siruel Lona?

— Isso! Não é o tal professor que disseste que está vivo?

— Sim, porquê? — Continuava a procurar algo na fina tela maleável. Podia jurar que, por instantes, vi um símbolo estranho no fundo principal do seu telemóvel.

Repentinamente, sem dizer uma palavra, agarrou-me no braço e puxou-me para junto do meu carro.

— Garuel!

— Entra. Falamos melhor lá dentro. — Abri-o e ele entrou rapidamente. Segui-lhe o gesto sem questionar. — Depois do que disseste em relação a ele e a todos os outros não-Factor R, fui fazer uma pesquisa.

— E então?

— *E então* que encontrei informações sobre esse professor. Vou saltar a parte biográfica dele, essa já deves conhecer...

— Sim, continua. — Começava a deixar-me intrigada.

— E sabes o que ele estudava?

— Sim, Garuel, claro que sei! Era a minha maior referência nos estudos sobre genética.

— Sabias que estudava a genética *deles*? — Encarei-o, surpresa.

— Dos... Factor R? — concluí. — Não... Mas, bem vistas as coisas, não me admira assim tanto.

— Porra, finalmente! — Voltou o telemóvel para mim e quase me ofuscou com a luz *néon*. — Desculpa. — Afastou-o antes de mo entregar. — Aparentemente ele fazia vários tipos de estudos sobre os Factor R, num laboratório particular, e eu pensei que podias querer ir até lá.

Comecei a ler rapidamente o artigo com o título *Laboratório de Doutor Professor Siruel Lona, encerrado*. Iniciava com a referência ao seu abandono devido a nenhum dos assistentes querer continuar a pesquisa sobre os Factor R após a sua morte.

— Ir até lá?

— Sim. O laboratório está interdito, mas a morada ainda está aí. — Rolou a tela até ao final do artigo.

— Isto é na Alda 9. Fica a uma Alda da nossa. Duas, se tivermos em conta que a Alda 6 é enorme.

— E?

— *E?* Vamos demorar o resto do dia a ir até lá, ver o laboratório e a voltar.

— Vá lá, mana! Vamos até lá!

— Mas qual é o teu súbito interesse neste assunto? Desde quando te interessas por ciência? Ou pelos Factor R?

— Há algum tempo que tenho feito umas quantas pesquisas por sites e blogues que não devia... Ou pelo menos o pai deserdava-me se soubesse... — O Garuel fez-me um sorriso de quem denunciava a sua própria culpa. — São de apoio aos Factor R...

— Desculpa?

Não sabia se o abraçava, se ralhava com ele. O meu irmão pensava por si mesmo e isso deixava-me tão orgulhosa.

— Eu estou bastante interessado em ir. — Retirou-me o telemóvel das mãos e apontou com o queixo para o volante. — E então? Vamos?

Era impressionante como um sorriso matreiro me conseguia convencer.

Ligámos ao Maxione a pedirmos para ir connosco. Começou a resmungar por o gémeo lhe andar a esconder as coisas, apesar de já ter encontrado a maioria das roupas ou objetos, numa conversa completamente paralela que lhes pedi para terminarem e se focarem no tema principal.

No final acabámos por apanhá-lo em casa, de mochila às costas, com a comida e um par de ténis pretos para mim. Calcei-os e o alívio foi imediato.

— Está tudo, Max? — perguntei, vendo o meu irmão observar o interior da mochila.

— Sim. E avisaram o pai? — perguntou o Maxione.

— Está tudo tratado, maninho — respondeu o Garuel, convencendo-nos pouco. — O pai acreditou que vamos só fazer uma saída entre irmãos.

— E não é o que vamos fazer, Garu? — resmungou o Maxione.

— Meu caro irmão, esqueceste da parte em que ele não sabe que vamos fazer uma visita a um antigo laboratório onde estudaram os Factor R. São detalhes importantes. — Ouvi o Maxione suspirar e não consegui evitar rir.

— Vamos embora.

Acelerei. Não aguentava mais com a curiosidade.